

PREFÁCIO

“De manhã, com o sol nascendo,
retomaram a andadura”.

João Guimarães Rosa

A presente coletânea realça o que a epígrafe aponta: a autora, Marie Christine Laznik, de sol a sol, trilha o caminho do trabalho árduo em prol da psicanálise com bebês, realizando especial “andadura”, da maior relevância no contexto psicanalítico.

Fui testemunha dessa determinação por ocasião de uma longa viagem que planejamos pelo Jequitinhonha - nordeste de Minas Gerais - em 2000, a partir de seu interesse pela arte popular. Antes, tentei convencê-la da dureza da viagem, da facilidade de encontrar as peças de arte nas cooperativas ou lojas de Belo Horizonte, mas, felizmente, não tive sucesso. Ela me dizia “*quero ver os artistas nos olhos*”, ou, “*vamos ver as peças saírem direto do forno*”.

E lá fomos nós, por estreitas trilhas onde só se passava a pé, “comendo poeira” e atravessando riachos, para chegar a pequenos lugarejos com casebres de pau a pique, onde, na pobreza, moravam artistas mineiros de renome, com produção em exposições internacionais. Aprendi muito! Não ceder de seu desejo torna possível a realização de um projeto com a proximidade e rigor indispensáveis para que o resultado seja consistente. Foi um privilégio passar por essa Real experiência!

Como disse o surpreendente escritor mineiro João Guimarães Rosa em Grande Sertão: Veredas:

“Assaz o senhor sabe: a gente quer passar um rio a nado, e passa; mas vai dar na outra banda é num ponto muito mais embaixo, bem diverso do em que primeiro se pensou (...) Digo: o real não está na saída nem na chegada: ele se dispõe para a gente é no meio da travessia.”

Em *A hora e a vez do bebê*, nós, leitores, temos a grata oportunidade de acompanhar o entusiasmo e dedicação de Marie Christine Laznik, com seu trabalho nesses últimos anos, que não cede, em seu desejo de avançar no que a psicanálise tem a dizer sobre os primeiros tempos de um sujeito.

E, para além, seu interesse e suas contribuições estendem-se a outros campos do saber, quando considera, com apurada experiência, que o profissional não possui um saber todo, uma verdade única, e, assim sendo, é fundamental aproximar-se de novos conhecimentos, novas ideias que se somem e se interroguem, via básica para renovar um saber. A psicanálise, desde sempre, indica-nos essa direção – da escuta – e, nos instiga a abrir mão de nossas pretensas compreensões estabelecidas.

10 Freud, quando lança o conceito de *série complementar*, considera a complementaridade entre fatores endógenos e exógenos na organização psíquica do sujeito, ao justapor os fatores constitucionais e os fatores das vivências no início da infância. Esse conceito já articula ambas as condições, com a indicação de não reduzir o sujeito à sua condição orgânica, nem de desconsiderá-la. Essa articulação tem sido o importante diálogo atual que a psicanálise tem realizado com a ciência, que inclui a relevância da plasticidade infantil nos tempos iniciais.

Essa aposta na abertura para ouvir outros discursos do campo de estudo em questão – o bebê – abre horizontes que poucos ousam sustentar, pois supõe enfrentar o temor das diferenças e do que fazer com elas. Como bem diz Lacan, em *A ciência e a verdade*, “a posição do psicanalista não deixa escapatória, já que exclui a ternura da bela alma”.

A chamada do livro – *A hora e a vez do bebê* – em si, já nos remete ao âmbito de atualidade. E nos revela que os muitos estudos que vêm sendo desenvolvidos nessa área, tem neste momento, a consistência de elaborações importantes a serem transmitidas.

A organização do livro ressalta a competência de Erika Parlato-Oliveira, responsável pela possibilidade de acesso ao material que nos chega, e seu labor em viabilizar tal projeto. Compilando textos de 2006 a 2013, publicados em francês, inglês, italiano e português.

Quem se aproxima das comunicações teóricas e clínicas da autora sabe da envergadura e vivacidade de seus estudos, e dos efeitos que nos causam: trabalho psíquico! Lança sementes, para que cultivemos estudos e pesquisas, num movimento de causar, de transferência de trabalho, exercício da função ética do psicanalista.

Marie Christine Laznik considera o bebê um sujeito a ser escutado com sua linguagem, e, assim, também protagonista da sua história, implicado na “co-criação” de sua relação com seu entorno. Os artigos que compõem esta obra traduzem o reconhecimento de diversos pilares do conhecimento sobre o bebê: a linguagem e interações sonoras, o lugar do pai, o necessário gozo do Outro, os fantasmas maternos, o traumatismo da prematuridade, o autismo, a depressão, o diálogo com as neurociências e a empatia são alguns deles.

A hora e a vez do bebê! Esse título relembra-nos uma novela do Guimarães Rosa: que é, também, um escritor que nos causa, nos leva a pensar, ao gerar inquietações produtivas. Ele escreve *A hora e vez de Augusto Matraga*, a trajetória de um personagem “cujo ponto de início consistia em ir para longe”, que “pegou o chão, e foi.”

11

Em destaque um trecho em que Augusto Matraga ouve e registra com perspicácia o dizer de um padre da região:

“Reze e trabalhe, fazendo de conta que esta vida é um dia e capina com sol quente, que às vezes custa muito a passar, mas sempre passa. E você ainda pode ter muito pedaço bom de alegria...Cada um tem a sua hora e sua vez: você há de ter a sua.”

Vemos marcado o tempo da espera para que um acontecimento se suceda. E a hora chega, tem a sua vez!

Rosely Gazire Melgaço